

AS MIGRAÇÕES E AS TRANSFORMAÇÕES TERRITORIAIS NO SUDOESTE DO PARANÁ

Marcos Leandro Mondardo¹
Thaine Regina Backes²

Resumo

O Sudoeste do Paraná, é uma região singular quanto à sua dinâmica populacional. Até 1900 sua população era pouco numerosa, basicamente formada por caboclos. A partir de 1920, no Rio Grande do Sul, ocorre uma crise pela fragmentação das pequenas propriedades, o que vai gerar um excedente populacional agrícola. Com a Criação da Colônia Agrícola General Osório (CANGO), em meados 1940 desloca-se um fluxo populacional gaúcho, constituído por indivíduos de origem italiana e alemã, que se deslocou para o Sudoeste do Paraná, formando pequenas propriedades de agricultura familiar. Por volta de 1970 o Sudoeste passou por transformações intensas na sua estrutura econômica e social, onde a modernização da agricultura resulta em um êxodo rural. Deslocando populações em direção aos estados de Mato Grosso, Rondônia, e até outros países como o Paraguai. Ocorre também a emigração no próprio sudoeste do Paraná, sendo que a população continua migrando e transformando a região.

Palavras-chave: *Imigrações; emigrações e transformações territoriais.*

¹ Geógrafo, formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Francisco Beltrão - UNIOESTE. E-mail: marcosmondardo@yahoo.com.br

² Geógrafa, formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Francisco Beltrão - UNIOESTE. E-mail: thaineregina@yahoo.com.br

THE MIGRATIONS ARE THE TERRITORIAL TRANSFORMATIONS IN THE SOUTHWEST OF PARANÁ

Abstract

The Southwest of the Paraná, is a singular region how much to its population dynamics. Up to 1900 its population was little numerous, basically formed for caboclos. From 1920, in the Rio Grande Do Sul, a crisis for the spalling of the small properties occurs, so that it goes to generate agricultural a population excess. With the Creation of the Agricultural Colony General Osório (CANGO), in middle 1940 a population flow dislocates itself gaúcho, consisting of individuals of Italian and German origin, that if dislocated for the Southwest of the Paraná, forming small properties of familiar agriculture. For 1970 return the Southwest passed for intense transformations in its economic and social structure, where the modernization of agriculture results in an agricultural exodus. Dislocating populations in direction to the states of Mato Grosso, Rondônia, and until other countries as Paraguay. The emigration in the proper southwest of the Paraná also occurs, being that the population continues migrando and transforming the region.

Key-words: *Imigrations; emigrations; territorial and transformations.*

Introdução

As migrações internas têm desempenhado um papel preponderante na evolução dos contingentes populacionais no Sudoeste paranaense e na configuração da sua dinâmica demográfica. Mas sua importância vai muito além. Ora funcionando como mola propulsora do processo de interiorização e alargamento da fronteira rural, ora revertendo esse processo e redesenhando o perfil e distribuição espacial da população no território, os movimentos migratórios no sudoeste do Paraná, constituem a face aparente de transformações profundas operadas na estrutura da economia e da sociedade do Sudoeste do Estado, e que se vinculam aos processos globais da expansão capitalista no território brasileiro (MAGALHÃES, 1996, p. 02).

Para Singer (1998), a migração interna é um processo social, determinado historicamente segundo causas estruturais quase sempre de fundo econômico. “Dadas determinadas circunstâncias, uma classe social é posta em movimento” (p. 152).

Para Singer (1998), o mais importante fator de atração dos migrantes é a procura por força de trabalho, entendida como o conjunto de oportunidades econômicas oferecidas pelo meio urbano industrial.

Já para Marx (1983), a condição estrutural da qual emerge a mobilidade populacional, se vincula ao trabalho como força de trabalho em atividade, e a acumulação de capital como relação social que se desenvolve qualitativa e quantitativamente. A mobilidade se liga à produtividade e à expansão física do capital, apresentando-se como condição e consequência do desenvolvimento das forças produtivas.

Assim, de acordo com Marx, no modo de produção capitalista, há um atrelamento inexorável da dinâmica demográfica às próprias condições do processo de acumulação, que por sua vez, produz excedente populacional relativo, ou exército de reserva, que migra em direção de novos centros atrativos.

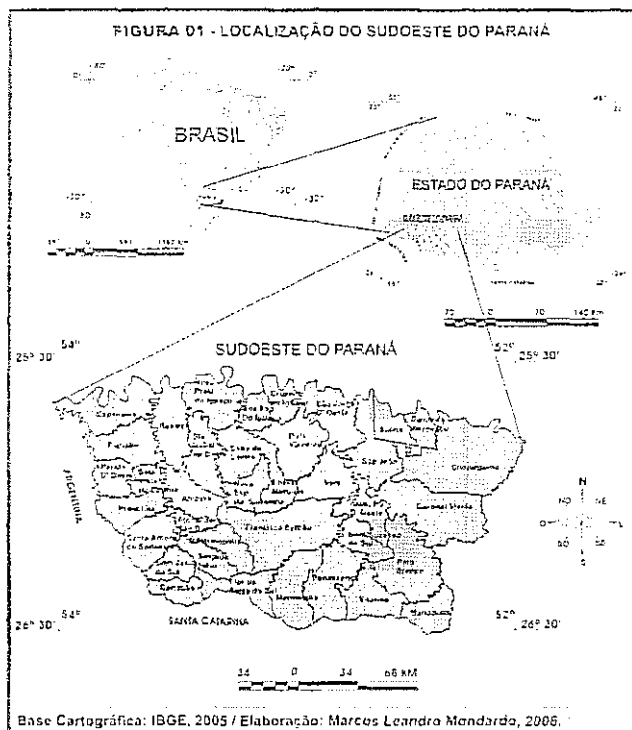
No Sudoeste do Paraná, a modernização tecnológica das atividades agrícolas ditadas pelo processo hegemônico de acumulação capitalista do setor industrial brasileiro introduz transformações substantivas na estrutura produtiva da agricultura paranaense e detona um intenso êxodo rural nesta região sudoestina do Paraná (MAGALHÃES, 1996, p. 05).

A Colonização do Sudoeste do Paraná e a Migração

As migrações no Sudoeste paranaense (Figura 01)³ se colocam entre os principais elementos presentes no processo histórico de

³ Fazem parte do Sudoeste do Paraná, segundo a classificação do IBGE, os municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco, Dois Vizinhos, Coronel Vivida, Chopinzinho, Santo Antonio do Sudoeste, Capanema, Ampére, Realeza, Planalto, Marmeleiro, Salto do Loutra, Santa Izabel do Oeste, São João, Nova Prata do Iguaçu, Itapejara do Oeste, Barracão, São Jorge do Oeste, Verê, Pérola do Oeste, Renascença, Vitorino, Mariópolis, Enéas Marques, Nova Esperança do Sudoeste, Flor da Serra do Sul, Salgado Filho, Saudades do Iguaçu, Bela Vista da Caroba, Cruzeiro do Iguaçu, Bom Jesus do Sul, Manfrinópolis, Sulina, Bom Sucesso do Sul, Boa Esperança do Iguaçu e Pinhal de São Bento.

sua formação territorial. Lazier (2004) afirma que a evolução demográfica no Sudoeste fez parte da política do Governo Federal, que ficou conhecida como “marcha para o oeste” e aconteceu dentro do panorama internacional da Segunda Guerra Mundial.



Temos que o Sudoeste do Paraná é uma região singular quanto a sua dinâmica populacional, quando atentamos o olhar para sua formação histórica. Até o final do primeiro terço do século XX a população paranaense era pouco numerosa. "A maior proporção do contingente demográfico residia em áreas rurais, e vinculava-se economicamente às atividades de extração da erva-mate, da madeira e à pecuária extensiva, além da produção para autoconsumo" (MAGALHÃES, 1996, p. 01).

O povoamento da região Sudoeste realizou-se em dois

movimentos migratórios distintos. O primeiro teve início de acordo com Abramovay (1981, p. 10), por volta de 1824, e se prolongou mais ou menos até 1940. Tratava-se de iniciativas dos governos estaduais e federais, visando firmar a posse territorial. Desenvolveu-se aí, neste período, uma economia madeireira complementada por uma pecuária extensiva, atividades que, por sua própria natureza, não favoreciam o aumento rápido da densidade populacional. De modo que esta população, por falta de recursos básicos, não fixou contingentes populacionais expressivos nesta região (SOUZA, 1980, p. 61).

O segundo movimento migratório que determinou, em menos de 20 anos, o surgimento de diversas cidades no Sudoeste paranaense, teve seu auge em 1952/1956. Este fluxo originava-se do Rio Grande do Sul⁴ e, economicamente, se caracterizou pelas atividades de subsistência em pequenas propriedades de natureza familiar (SOUZA, 1980, p. 61).

Até 1900, o Sudoeste paranaense, de Mariópolis até a fronteira com a Argentina, era um vazio demográfico, com uma população inferior a 3.000 habitantes (FERES, s/d). Abramovay (1981, p. 9) afirma que “a maior parte desta população era formada de migrantes. Poucos foram os que nasceram da própria região”. Os caboclos⁵ foram os que iniciaram o povoamento do Sudoeste Paranaense. Estes vieram de pontos distintos; vários deles eram antigos “agregados” de fazendas de gado dos Campos de Palmas. A mão-de-obra empregada nestas fazendas era relativamente escassa, ou seja, não requeria muitos indivíduos trabalhando nas mesmas. Parte desta população que o “sistema do latifúndio não mais comportava” foi ocupar o Sudoeste Paranaense.

Até 1920, a região Sudoeste do Paraná recebeu migrantes de origem luso-gaúcha, provenientes do Rio Grande do Sul e de Santa

⁴ Os motivos que acarretaram a emigração do Rio Grande do Sul foram dois. Os fatores principais foram: a fragmentação das pequenas propriedades resultante da herança familiar e da pressão demográfica sobre a estrutura fundiária. E, segundo, a crise da indústria gaúcha incapaz de absorver a mão-de-obra oriunda da zona rural (SOUZA, 1980, p. 61).

⁵ É importante sublinhar que o caboclo, no Sudoeste do Paraná, não precisava ser, necessariamente, descendente de índios. Para o indivíduo ser classificado como caboclo, precisava apenas ser criado no sertão. Além disso, o mesmo não podia ter pele clara, já que a ele se atribuía uma cor mais ou menos escura (WACHOWICZ, 1957, p. 85).

Catarina. Tratava-se, basicamente, de trabalhadores de fazendas, que vinham em busca de terras para sobreviver. Esse fluxo migratório inicial contribuiu, sobremaneira, para o aumento da população que, em 1920, atinge cerca de 6.000 habitantes.

De acordo com Magalhães (1996), o período entre os anos de 1930 a 1940, é marcado por um intenso e acelerado processo imigratório de expressivos contingentes populacionais provenientes de outras regiões do País. Em apenas três décadas (1930 a 1950), ocorre uma ocupação do território em um impressionante movimento de expansão e consolidação da fronteira agrícola sudoestina. Em paralelo ao crescimento da população rural verificado neste período, articula-se a proliferação e expansão de muitos núcleos urbanos, que nasciam para dar suporte as atividades agrícolas crescentes.

Em 1943, toda a área da região Sudoeste foi integrada ao efêmero Território Federal do Iguaçu, criado por Getúlio Vargas, em sua tentativa de ocupar, efetivamente, a chamada faixa de fronteira, através da colonização por pioneiros recrutados no Rio Grande do Sul, e com a instalação da CANGO³, que era encarregada de organizar a distribuição gratuita de terras devolutas aos colonos, bem como distribuir ajuda técnica aos colonos proprietários (FERES, s/d, p. 496).

Essa iniciativa colonizadora atraiu grandes contingentes de produtores gaúchos e catarinenses. No início dos anos de 1950 a maior parte dos loteamentos públicos ou privados do Sudoeste do Estado havia sido comercializada.

Assim,

Em 1949 o saldo migratório era desfavorável ao Rio Grande do Sul em cerca de 155.746 pessoas (...) Muitos pequenos proprietários (...) venderam seus lotes coloniais e se deslocaram em direção ao Sudoeste do Paraná para reproduzir, nesse Estado, uma economia camponesa semelhante à gaúcha, porém em terras mais férteis e mais próximas do Centro do país, conquistando parte do mercado nacional no momento seguinte (FERES, s/d, p. 499).

Conseqüentemente, na primeira metade dos anos de 1950,

ocorre à chegada de grande fluxo de migrantes vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, sendo que a ocupação, ocorreu sem nenhum choque com os posseiros caboclos, habitantes que então predominavam na região. Segundo Wachowicz (1988, p. 214), “a população explodiu de 476 famílias em 1947, subindo para 2725 em 1956”.

De acordo com Abramovay (1981, p. 23), “a atual população do Sudoeste Paranaense foi formada num êxodo que, vindo de Santa Catarina e, sobretudo do Rio Grande do Sul atingia entre 1952 e 1955, 30 a 40 mudanças por dia”. E, Wachowicz (1988, p. 216), reitera que, “cada dia entravam de 10 a 20 famílias só em Francisco Beltrão”.

Portanto, o movimento migratório começou a crescer nas décadas de 1950 e 1960. A escassez de terras no Rio Grande do Sul fez com que os imigrantes reduzissem o peso demográfico sobre a área esgotada, vendendo as suas terras e encorajando-se a se reproduzir em outra fronteira. Francisco Beltrão, em 1948, contava com uma população de 2.529 pessoas, cujo fluxo de migrantes era muito maior que a capacidade de atendimento da CANGO. Já em 1950, a Colônia contava com 7.147 pessoas, enquanto que a região sudoestina já totalizava 76.373 habitantes (FERES, s/d, p. 498).

O fluxo de migrantes continuava a aumentar, pois em 1960 a região sudoestina, em sua totalidade, já contava com 230.379 habitantes, com 59% dessa população (119.787 pessoas) na área rural.

Para se ter uma noção da intensidade deste fluxo migratório, a população do Sudoeste passou de 76.376 habitantes, em 1950, para 230.379 habitantes, em 1960. A taxa de crescimento populacional no Brasil, nessa mesma época, era de 3,12%; a do estado do Paraná de 7,23% e a do Sudoeste de 12,4% (FERES, s/d).

Em 1950, existiam dois municípios na região (Clevelândia e Mangueirinha) e dois distritos (Pato Branco e Chopinzinho); já em 1960, existiam 8 municípios e 7 distritos. Em 1970, são 24 os municípios sudoestinos.

Deste modo, através deste crescimento populacional da região, a influência da cultura e etnia dos italianos, alemães e poloneses, nesse processo foi imensa. E o caboclo, basicamente, se dilui com suas raízes, práticas econômicas e traços culturais.

Abramovay (1981), em seu estudo sobre as transformações

da vida camponesa no Sudoeste do Paraná, caracteriza esta fase inicial da colonização dirigida e da chegada espontânea e maciça de colonos como o momento típico da revolução agrícola, que passa do sistema livre e coletivo da floresta ao regime da propriedade cercada e delimitada.

De acordo com Feres (s/d), o Sudoeste paranaense em 1960, estava com 50% do total das suas terras ocupadas.

O Sudoeste do Paraná, nesse contexto, tornou-se um exemplo de um processo de ocupação e transformação territorial, impulsionada pela migração, através da criação e da rápida institucionalização dos núcleos populacionais em municípios, distritos e comarcas, assim como, através da implantação rápida, da rede de serviços urbanos básicos.

Outro fator importante, e apontado por Mondardo (2005, p. 133), é intervenção do Estado neste processo. O estado do Paraná e o Governo Federal, por sua vez, para habitar/colonizar esta região (Sudoeste do Paraná), faziam propagandas, onde divulgavam os preços baixos das terras e exaltavam o alto índice de fertilidade das mesmas para atrair os migrantes, somada ao grande potencial madeireiro. Isso fazia com que a região fosse um território atrativo para esta mobilidade migratória.

Assim, podemos perceber a importância da intervenção e atuação do Estado na organização do espaço. Raffestin (1993, p. 88), alerta que no caso das migrações, as organizações (no caso do Sudoeste do Paraná, os governos federal e estadual), adotam diversas estratégias para aumentar o movimento ou, ao contrário, para freá-lo. As políticas migratórias são de uma extrema importância porque controlam e administram os fluxos para organização do espaço.

Para Magalhães (1996, p. 23), a integração e dinamização do Sudoeste, teve início nos últimos anos da década de 1950 com os primeiros esforços para a implantação de um sistema viário que, conjugado à capacidade técnica dos produtores e à boa qualidade dos solos, viabilizou e impulsionou a produção de excedentes para comercialização. Aos poucos a renda monetária da população foi se elevando, o mercado se ampliando, o comércio se expandindo. Novos capitais acorreram à região e grandes propriedades agrícolas se formaram, principalmente em áreas ainda não ocupadas. Cidades proliferaram por todo o território, a um ritmo rápido.

Tanto assim que, dos 63 municípios⁷ que constituem a região Sudoeste do Paraná em 1970, 14 obtiveram sua autonomia na década de 1950, e 43 no decênio seguinte. Antes do grande fluxo populacional ocorrido nas duas últimas décadas (1950 e 1960), oriundo, sobretudo, do Rio Grande do Sul, o Sudoeste contava apenas com 6 cidades autônomas (PADIS *apud* MAGALHÃES, 1996, p. 23).

O Paraná, bem como o Sudoeste do Estado, na década de 1970, passaram por transformações intensas em suas estruturas econômicas e sociais, com repercussões profundas sobre diversos aspectos da configuração espacial. Um dos reflexos mais evidentes dessas transformações consiste na espetacular reversão da tendência de crescimento populacional observada até então.

Em 1970, com a redução das terras devolutas no Sudoeste, esta região revela, outra face do processo migratório; a emigração dos colonos para outras frentes de ocupação. Dentro deste contexto, Abramovay afirma que,

É por se esgotar a disponibilidade de terras livres de uma determinada região, por estas terras terem sido ocupadas (via de regra improdutivamente) pelos latifúndios, que o campesinato é colocado entre a cruz e a espada: ou escolhe o caminho da morte social, da proletarização, ou tenta recompor as condições que permitem a sua existência como classe através da migração. Neste sentido, o movimento migratório é o resultado da luta pela terra entre latifúndios e campesinato (ABRAMOVAY, 1981, p. 23).

No Estado do Rio Grande do Sul, o movimento migratório dos camponeses italianos e alemães vindos de seus respectivos países de origem (aproximadamente ano de 1800), levou, algumas gerações após sua chegada ao Brasil, a um fluxo em direção ao Sudoeste Paranaense, por volta de 1950. E, trinta anos depois (1970), no Sudoeste paranaense, o movimento se repete, tendo agora em Rondônia a sua nova frente pela busca da terra prometida. De acordo com o censo de 1980, o Paraná foi o Estado que mais exportou contingentes populacionais e Rondônia o que mais recebeu, o que

⁷ Nesta época o Sudoeste e Oeste paranaense eram compreendidos como uma só região do Estado, e por isso esta apresentava este número elevado de municípios.

revelam um recente êxodo. A Amazônia Legal reedita o Paraná dos anos de 1950, com sua velha corte de grileiros, jagunços e corrupção que o agricultor tem que enfrentar para sobreviver (ABRAMOVAY, 1981, p. 24).

Em 1970, com a modernização da agricultura, e a necessidade do agricultor em obter crédito para compra de novos insumos, este fica endividado com os bancos, os quais cobram taxas de juros que o pequeno agricultor (característica do Sudoeste paranaense), não conseguia pagar. Por isso, muitas vezes viu-se obrigado a vender sua propriedade, migrando para as áreas urbanas do Sudoeste e de outras regiões do Estado, e também, para outros estados ou até mesmo outros países, principalmente o Paraguai.

Na década de 1970, em termos líquidos, nada menos do que 2.7 milhões de pessoas deixaram de residir no meio rural paranaense. Deste saldo, cerca da metade foi absorvido pela área urbana do próprio Estado. O restante constituiu a perda populacional para além das fronteiras estaduais (MAGALHÃES, 1996, p. 45).

De acordo com Martine (1987) *apud* Magalhães (1996, p. 34), isso ocorre, porque a agricultura, por sua vez, passou a ser incorporada mais estreitamente ao processo de acumulação capital industrial e financeiro encontrando novas formas de realização dentro da agricultura.

Dessa forma, a intensa disseminação do emprego de tecnologias avançadas, associada às modificações na pauta de produtos, com a espetacular ascensão da soja ao topo da produção, são também alguns elementos fundamentais, ainda que não suficientes, para a compreensão das transformações da agricultura paranaense nos anos 70.

Avançando na análise, o modelo de desenvolvimento econômico em pauta traria vários desdobramentos para as populações do Sudoeste.

O processo mais contundente, que tende a acentuar-se na região, com um **forte contingente migratório**⁸, é a situação de pobreza

⁸ (Grifo nosso) - Desencadeando esse processo seletivo, cabe aos expropriados migrarem para os centros urbanos do Estado, ou para o Paraguai, embalados pela promessa de terra fácil e barata, além das facilidades fiscais, ou para a frente de expansão de Rondônia, para tentar reproduzir, na última fronteira brasileira, e pela última vez, o seu ciclo pioneiro (FERES, s/d).

acelerada dos pequenos produtores, principalmente na MRH (micro-região homogênea) do Sudoeste Paranaense, onde as áreas são muito pequenas, com solos empobrecidos, dificultando ao produtor integrar-se, ou mesmo persistir no processo de tecnificação (FERES, s/d, p. 552).

Ou seja, o quadro social da região é profundamente transformado pelo recente padrão produtivo implantado, pautado essencialmente na adoção de relações econômicas mercantis.

Neste contexto, Boneti (1998, p. 108-109) afirma que as relações mercantis do Sudoeste, se fizeram presentes desde o início de sua ocupação com a população cabocla, na comercialização da própria posse da terra, do couro, da erva, do porco, etc. Mas estas vinculadas à subsistência. Evidentemente que, com a chegada dos migrantes, entre outros fatores, aumentou quantitativa e qualitativamente a produção, com a implementação de novos produtos agrícolas trazidos pelos migrantes, e com a demanda maior na produção. A construção de uma infra-estrutura social com hospitais, igrejas, escolas etc, também se fez presente para dar suporte a este fluxo de migrantes, e a esta nova produção mercantilizada.

Na Tabela 01, podemos perceber a população total e a evolução da população urbana e rural do Sudoeste do Paraná, a partir de 1970, em número de habitantes.

Tabela 01 - População total e rural e urbana no Sudoeste do Paraná 1970/1980/1991/2000.

SUDOESTE DO PARANÁ - POPULAÇÃO RESIDENTE											
TOTAL				Urbana				Rural			
1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
446.360	531.249	478.126	472.626	80.157	166.906	225.666	283.044	366.203	354.343	252.460	189.582

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000.

Os dados da Tabela 01 nos mostram claramente o processo de inversão de população rural para urbana que foi ocorrendo durante os anos no Sudoeste do Paraná. Isto pode ser explicado pelo papel da modernização agrícola, da diminuição de terras “devolutas”, com a busca de novas frentes de colonização (Rondônia, Mato Grosso,

Mato Grosso do Sul, Amazônia e Paraguai), e também a migração rural-urbana para os bairros dos próprios Municípios do Sudoeste. Quanto ao aumento da população urbana, fatores de influência são: empresas que se instalam nas cidades, a influência da construção civil, pelas quais agricultores endividados migram do campo e viram assalariados urbanos. Obviamente o crescimento vinculado a indústria, à habitação das populações, à educação, saúde, lazer etc. representou uma expansão considerável em termos da divisão social do trabalho, logo, de atração de pessoas para as cidades.

Magalhães (1996, p. 56) afirma que, no Sudoeste do Paraná, o percentual de diminuição populacional no campo eleva-se na década de 1970, a 95%.

Posteriormente, a década de 1980 marca outro fenômeno novo e crescente. Trata-se da concentração de terras em mãos de alguns proprietários, através da aquisição de pequenas propriedades. O que conseqüentemente reafirma a emigração.

Por outro lado, o estímulo à colonização do Mato Grosso e de Rondônia, reforçado pelas campanhas publicitárias e agências imobiliárias e das cooperativas, atrai o agricultor a migrar para áreas onde sua produção exija menos investimentos.

Para os anos de 1970 e 1980 as hipóteses acerca da destinação dos paranaenses que saíram do Sudoeste do Estado em busca de sobrevivência em outras regiões são as seguintes. Já no final da década de 1970 a dinâmica relacionada à fronteira agrícola amazônica começou a se tornar um pesadelo para muitos que lá chegavam. Ao longo dos anos de 1980 reportagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa alertavam para o esgotamento das perceptivas de um futuro pródigo naquelas áreas. No entanto, até o início da década de 1990 ainda se tinha notícia de que linhas regulares de transporte de passageiros levavam cotidianamente inúmeras famílias e seus pertences, partindo do Sudoeste do Paraná e adjacências para o Norte do País. Por outro lado, muito se ouviu falar do retorno de parcela significativa de migrantes que tiveram suas expectativas frustradas naquelas regiões. E que decidiram voltar ao Paraná, não mais se dirigindo às áreas de origem, mas sim aos grandes centros urbanos do Estado (MAGALHÃES, 1996, p. 76).

Outro fator importante na década de 1980, é que se acenaria um cenário de esgotamento das possibilidades de acesso à terra, ainda que em condições precárias, e outros graves e decisivos

condicionantes, naquelas áreas consideradas receptoras de população (fronteiras agrícolas), isso contribui para interromper o fluxo de emigração do Paraná, por exemplo, também em direção ao Paraguai a partir de meados da década de 1980. Não só se deu um interrompimento da emigração, como também deflagrou um movimento de retorno dos brasiguaios nesse período, ao que tudo indica.

Para se ter noção, no Sudoeste do Paraná, entre 1986/91, o número de imigrantes foi 12.862, enquanto que emigrantes foram 14.686, sendo de natureza intra-estaduais (KLEINKE, et al, 1999, p. 191). “Essa emigração caracteriza-se por forte predomínio em direção ao urbano, prevalecendo os fluxos de origem e destino urbano, seguido dos fluxos de origem rural e destinos urbano” (KLEINKE, et al, 1999, p. 193).

Para a região Sudoeste paranaense, o esgotamento de oportunidades é visível, uma vez que são áreas de evasão antigas e não atraem sequer fluxos das proximidades. O resultado da contínua emigração é (no contexto das transformações modernizantes), definido por dificuldades de intensificação/modernização agrícola da pequena produção e conseqüentemente empobrecimento da população, o que implica forte evasão rural (KLEINKE, et al, 1999, p. 197).

Contudo, Francisco Beltrão, maior pólo urbano no Sudoeste Paranaense, é o único município nesta mesorregião que apresenta troca favorável entre imigrantes x emigrantes, constituindo, um pólo atrativo para imigrantes da sua mesorregião ou de outras regiões do Paraná. Já Pato Branco, outro importante município desta mesorregião, apresenta um balanço negativo (KLEINKE, et al, 1999, p. 202).

O Paraná neste período (1986-91), mantém-se apresentando perda populacional em termos de migração interestadual. Situa-se entre os estados com contingentes numericamente elevados tanto no que se refere à emigração, quanto à imigração. É o terceiro Estado com maior saída da população e o terceiro que é maior receptor, perdendo apenas para São Paulo e Minas Gerais. “Com os censos de 1980, confirmaram-se os indícios de que a migração continuava em primeiríssimo plano enquanto principal elemento explicativo da evolução demográfica do Estado” (MAGALHÃES, et al. 1984, p.1992).

Na Tabela 02, podemos perceber a evolução demográfica do Paraná, em termos de taxas geométricas, até o ano de 1980.

Tabela 02 - Taxas geométricas de crescimentos anuais da população residente, segundo a situação de domicílio no Estado do Paraná (em %).

Situação de Domicílio	1940/50	1950/60	1960/70	1970/80
Urbana	5,6	9,1	6,5	5,8
Rural	5,3	6,2	4,0	3,4
Total	5,6	7,2	5,0	4,0

Fonte: MAGALHÃES, et al. 1984. p.1992.

Portanto, ao se avaliar a dinâmica desse crescimento ao nível do Estado, evidencia-se a sua heterogeneidade em termos espaciais. Por um lado, verifica-se um processo contínuo de urbanização, revelado pelas altas taxas de crescimento da população urbana. Já no campo, em 1980, o Paraná foi o Estado que apresentou a maior taxa negativa de crescimento da população rural em todo o país. (MAGALHÃES, et al. 1984, p.1990).

Logo, a história da formação do Paraná tem proporcionado um legítimo caldeirão cultural, composto por migrações regionais de paulistas, mineiros, catarinenses, gaúchos, entre tantos outros brasileiros, e de imigrantes estrangeiros, como portugueses, poloneses, italianos, alemães, japoneses, ucranianos, etc.

No Sudoeste paranaense também ocorre este processo migratório inter-estadual no período mais atual. Através da Tabela 03, podemos perceber o grande número de imigrantes que chegam, e emigrantes que saem da região, e as conseqüentes trocas líquidas populacionais.

Tabela 03 - Movimento migratório inter-estadual no Sudoeste do Paraná (1991).

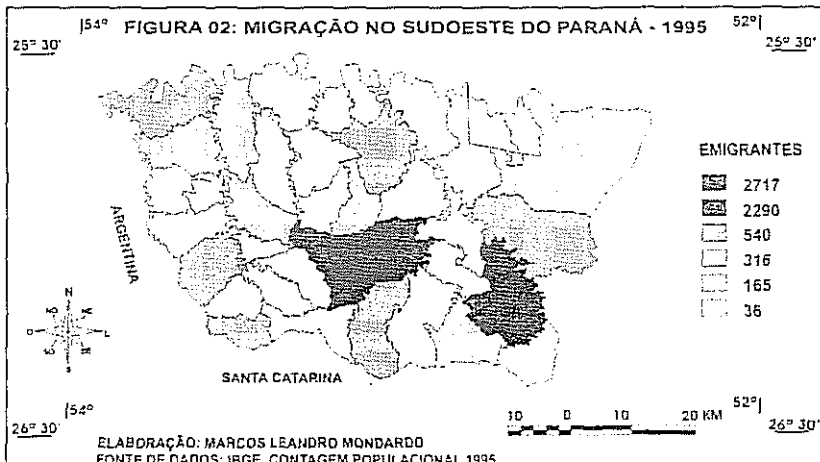
Mesorregião	Imigrantes	Emigrantes	Trocas Líquidas
Sudoeste do Paraná	12.862	32.860	-19.998

Nota: foram consideradas apenas pessoas acima de 5 anos de idade.
Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1991.

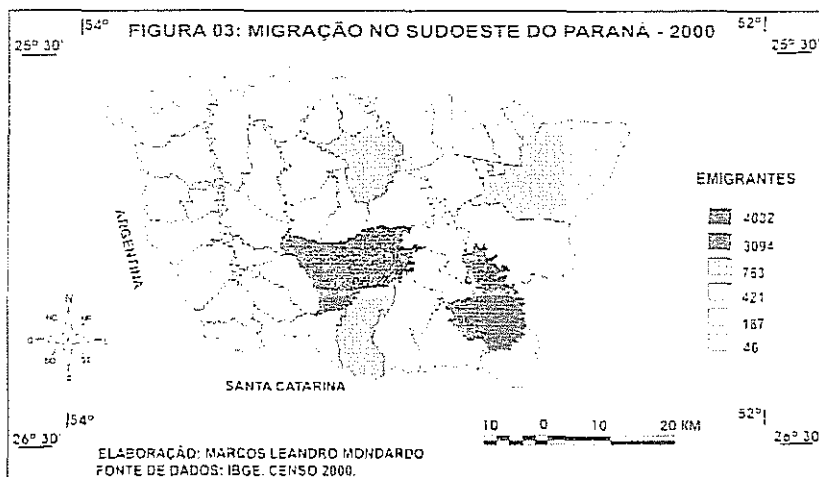
Assim, podemos perceber que, no ano de 1991, na região Sudoeste do Paraná, o número de indivíduos que emigram para outras regiões é quase três vezes maior do que em relação aos imigrantes que chegam. Entendemos que a emigração em questão se explica por vários fatores tais como: a busca por melhores condições de vida e emprego, atraídas pelos centros urbanos maiores. Outro aspecto é que tal fenômeno é consequência da modernização do campo no Sudoeste, a qual impele o deslocamento das populações para outros lugares maiores, mediante a crença de que apresentam melhores chances para sua sobrevivência.

Avançando essa nossa análise para um período mais recente, percebemos que o censo de 1995 e 2000 do IBGE, continua destacando a migração no Sudoeste do Paraná como característica dos municípios (Figura 02), a exemplo dos mais populosos, Pato Branco e Francisco Beltrão. Um dos fatos mais marcantes continua sendo a dos contingentes emigratórios. Em Pato Branco, o número de emigrantes fica entre 2717. Já em Francisco Beltrão, o número de emigrantes atinge 2290. Contudo, cabe ressaltar que estes emigrantes se deslocam tanto para morar em outros municípios da própria região sudoestina do Paraná, quanto para outras regiões. Mas também se deslocam, segundo o IBGE, por motivos de estudo e trabalho.

A seguir, na Figura 02, podemos verificar a migração no Sudoeste do Paraná em 1995.



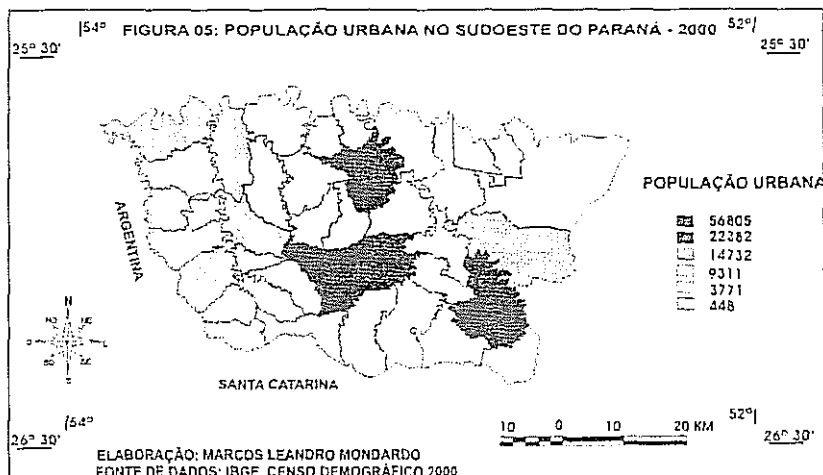
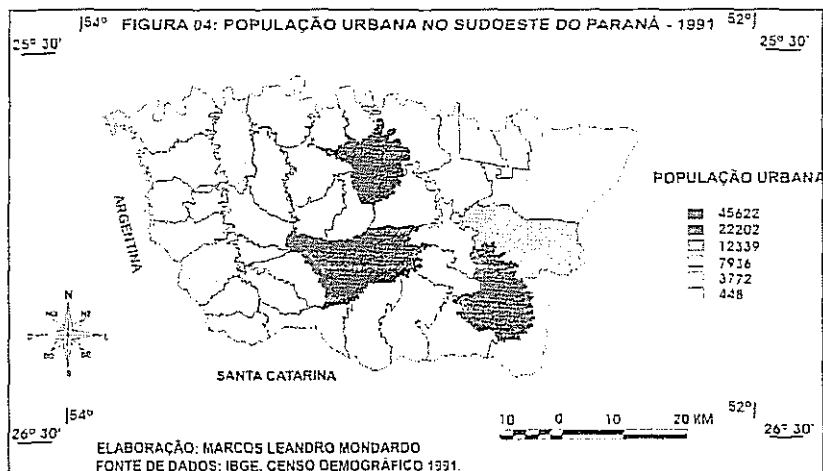
Na Figura 03, a seguir, podemos analisar aspectos da migração no Sudoeste do Paraná em 2000.



No ano de 2000, podemos perceber que a migração se acentua ainda mais em relação ao ano de 1995. O município de Pato Branco, atinge um número de emigrantes de 4032, e Francisco Beltrão, 3094 emigrantes. Também podemos perceber que, no geral, a maioria dos municípios do Sudoeste aumenta o número de emigrantes em relação ao ano de 1995.

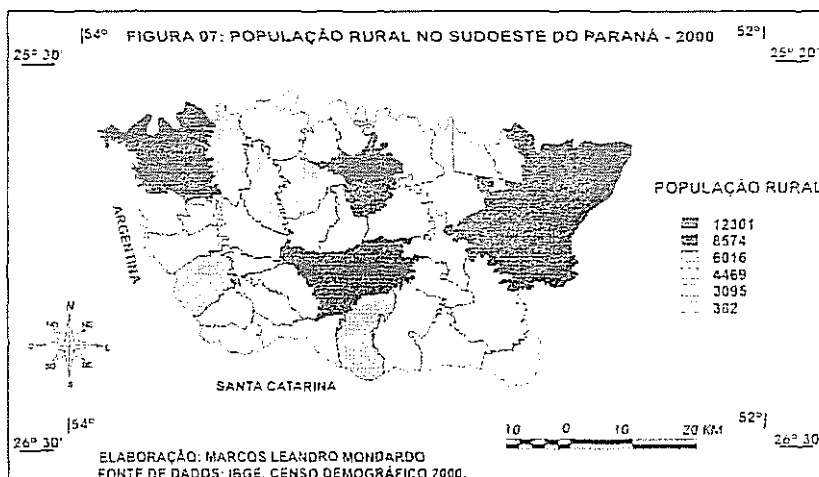
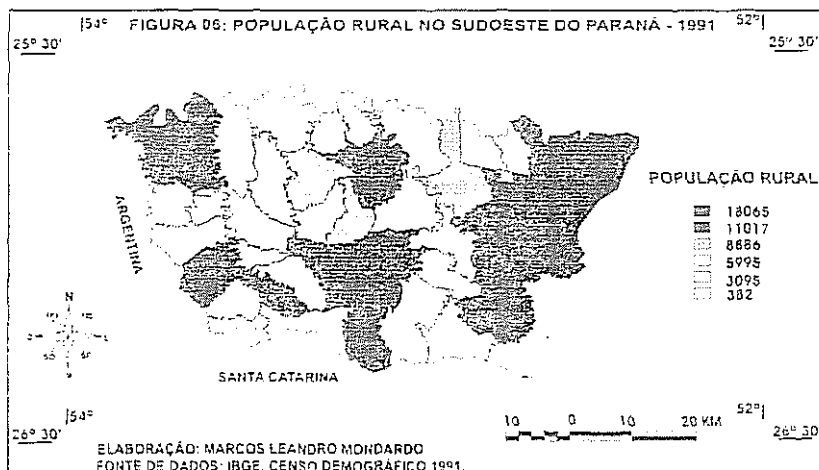
De acordo com Martine (1994, p. 12), isso acontece no Sudoeste do Paraná em função da terceirização rural promovida pelas indústrias do frango/ovos de Santa Catarina ou do fumo do Rio Grande do Sul, que estão cada vez mais comprando terras, e conseqüentemente expulsando trabalhadores do campo para outros centros. Estas influenciam o setor rural com implementação de monoculturas, principalmente a soja, e a criação de gado; e, não podemos esquecer, também com a concentração dos agricultores na produção de frango para empresas como a Sadia S/A e Gralha Azul Avícola Ltda. Já na zona urbana, as migrações ocorrem, como já mencionado anteriormente, pela mobilidade de pessoas que emigram por motivos de trabalho e estudo, entre outros.

Uma característica importante desta migração a ser ressaltada, é a urbanização dos municípios do Sudoeste do Paraná, o que podemos perceber através das Figuras 04 e 05.



Assim, fazendo uma análise das duas figuras, nas quais estão representadas as populações urbanas dos censos do IBGE de 1991 e 2000 do Sudoeste do Paraná, podemos perceber, que os Municípios como Pato Branco e Francisco Beltrão foram os que mais tiveram um aumento populacional na área urbana. Em média, Pato Branco e

Francisco Beltrão, passaram de 45622 habitantes no ano de 1991, para 56805 habitantes em 2000. Sendo assim, um aumento de aproximadamente 20% na sua população urbana. Podemos considerar que para um intervalo de tempo de 9 anos isso é um número bem expressivo. Assim, para entendermos melhor esta urbanização do Sudoeste, demonstramos a seguir nas Figuras 06 e 07, a população rural do Sudoeste paranaense, nos anos de 1991 e 2000.



A partir das informações contidas nas figuras, podemos fazer a seguinte leitura; os municípios de Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Chopinzinho estavam no ano de 1991, em média, com 18065 habitantes na zona rural. Já, os municípios de Pato Branco, Coronel Vivida, Capanema, Planalto, Santo Antonio do Sudoeste, Marmeleiro e Salgado Filho tinham, em média, 11017 habitantes na zona rural.

Contudo, no ano de 2000, o município de Francisco Beltrão, teve uma redução de população na zona rural, em comparação com os dados de 1991 (Figura 06). Passou a ter neste ano em média, 12.301 habitantes, sendo uma redução de 31%. Já os Municípios de Chopinzinho e Dois Vizinhos, tiveram uma redução maior. Passaram a ter em média, 8574 habitantes na zona rural, sendo esta uma diminuição de aproximadamente 50%. Os municípios de Capanema, Planalto e Coronel Vivida, tiveram uma redução de aproximadamente 22%, na sua população rural. Porém, a mais impressionante redução da população do campo está no Município de Pato Branco. Este passou a ter em média, no ano de 2000, 4469 habitantes na zona rural, sendo uma redução de aproximadamente 60% de sua população rural.

Assim, fazendo um paralelo entre o crescimento da população urbana, e a redução da população rural, podemos perceber que os Municípios que mais cresceram sua população urbana, de 1991 a 2000, cresceram em média 20%, como são os casos dos Municípios de Pato Branco e Francisco Beltrão. Já, a população rural neste mesmo período, teve diminuição respectivamente em alguns municípios do Sudoeste, de 22% em Capanema, Planalto e Coronel Vivida, de 31% em Francisco Beltrão, de 50% em Chopinzinho e Dois Vizinhos, e de 60% em Pato Branco.

Deste modo, podemos perceber que além da população se deslocar para os centros urbanos das próprias cidades do Sudoeste, esta se deslocou para outros centros, de outras regiões do Estado, como também para além das fronteiras, estaduais e até nacionais.

Sem dúvida, umas das características mais importantes do processo migratório no Paraná nas décadas mais recentes associa-se às tendências de expansão da urbanização do Estado e às mudanças no seu padrão. Na fase de ocupação populacional mais acelerada do Paraná, e que se estende até a década de 60, pode-se afirmar com segurança que predominava a migração interestadual

de entrada sobre os movimentos internos e em ambas as situações, os deslocamentos privilegiavam o destino rural.

A década de 70 vai estabelecer um novo marco nesse processo, uma vez que o ritmo e a forma da urbanização passam a ser definidos pela quebra da hegemonia da economia agrícola, com o setor industrial assumindo paulatinamente o papel dinamizador no processo de modernização das atividades produtivas, redefinindo a distribuição espacial da população (MAGALHÃES, 1996, p. 78).

Conforme Santos (1996, p. 33), uma das perdas mais importantes de população rural, entre 1970 e 1980, verifica-se no estado do Paraná, cerca de 1.268.659 habitantes.

Nesse ponto, é preciso lembrar que as principais características do processo de urbanização do Paraná não diferem da tendência mais geral verificada no Brasil nos últimos sessenta anos. Santos (1996, p. 29), afirma que, entre 1940 e 1980, dá-se verdadeiramente inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Em 1940, a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. Em 1985, a população urbana brasileira passa dos 77%, ficando quase igual à população total de 1980.

Conforme o referido autor, o fenômeno não se dá de maneira homogênea, uma vez que são diferentes os graus de desenvolvimento e de ocupação prévia das diversas regiões, pois estas são diferentemente alcançadas pela expansão da fronteira agrícola e pelas migrações inter-regionais.

Porém, o que imprime singularidade ao Paraná é a rapidez e intensidade com que as transformações se operam. Em apenas duas décadas (1970-80), o grau de urbanização do Estado salta de 36% para 73%, e a malha urbana adquire um perfil mais complexo de funcionamento, hierarquização e estrutura.

Desse modo, progressivamente, sob condicionantes dos mais diversos, a formação de grandes fluxos emigratórios do meio rural provoca a redistribuição espacial da população, resultando na urbanização. O que confere singularidade à dinâmica populacional do Sudoeste nesse contexto é a velocidade e a intensidade com que tal processo se concretiza.

Considerações Finais

Ao longo das décadas, o Sudoeste do Paraná, em sua formação territorial, fundamentou-se a partir das práticas e da (re) territorialização do modo de vida dos colonos sulistas.

Em síntese, as transformações ocorridas no Sudoeste, surgem mais efetivamente, sob o foco da dinâmica migratória, a partir do esgotamento do ciclo agro-exportador no âmbito estadual, a reinserção da economia sudoestina ao movimento mais amplo de desenvolvimento paranaense, agora sob o comando do capital industrial, que gera profundas e rápidas alterações na estrutura sócio-econômica do Sudoeste, com repercussões decisivas sobre a dinâmica do crescimento populacional.

Se em apenas três décadas o Sudoeste assistiu à entrada maciça de grandes fluxos imigratórios consolidando a ocupação integral do território, a partir dos anos 70 o processo inverte-se rapidamente, passando a região a expulsar população rural a um ritmo vertiginoso.

A parcela desses fluxos populacionais que permanece no Sudoeste acelera a tendência à urbanização e provoca a concentração populacional em centros urbanos que se tornam assim maiores (como os Municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos). Os que não encontram espaço para sobrevivência no Sudoeste conformam fluxos migratórios que vão para outras regiões do Estado, ou atravessam fronteiras estaduais ou mesmo de outros países, em busca de nova vida, novos sonhos e oportunidades.

De qualquer modo, a migração continua elemento presente no Sudoeste Paranaense, bem como transformador da região. Se os motivos desta migração mudam com a transformação histórica da sociedade, porém a mobilidade populacional sempre esteve presente em sua configuração espacial. E tende a continuar, pois com a modernização de certas áreas no Sudoeste, estas acabam atraindo e expulsando muitos migrantes.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa: o Sudoeste paranaense**. São Paulo, 1981. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) USP.
- FERES, João Bosco. **Propriedade da terra: opressão e miséria**. Latin American Research, 56. Amsterdam, s/d.
- BONETI, Lindomar Wessler. **A Exclusão Social dos Caboclos do Sudoeste do Paraná**. In: **Os caminhos da Exclusão Social** (Org. ZARTH, Paulo). Ijuí: Editora Unijuí, 1998.
- IBGE. **Censo demográfico – Paraná – 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. v. 1 – Tomo 19.
- _____. **Censo agropecuário – Paraná – 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1975. v. 3 – Tomo 19.
- _____. **Censo agropecuário – Paraná – 1975**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. v. 1 – Tomo 18.
- _____. **Censo agropecuário – Paraná – 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. v. 2 – Tomo 3.
- _____. **Censo demográfico – Paraná – 1980**. Rio de Janeiro: IBGE, 1983. v. 1 – T. 4, 5 e 6.
- _____. **Censo demográfico – Paraná – 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. Nº 20.
- _____. **Censo demográfico – Paraná – 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. (CD ROM).
- _____. **Censo demográfico – Paraná – 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. (CD ROM).
- _____. **Censo demográfico – Paraná – 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, s/d. v. 1. Tomo 14.
- _____. **Contagem Populacional – Paraná – 1995**.
- _____. **Contagem Populacional – Paraná – 1996**.
- _____. **Base cartográfica – Paraná – 2005**.
- _____. **Classificação dos Municípios do Sudoeste do Paraná - 2002**.

LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terras de todas as gentes e de muita história.** 2ª ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2004.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense.** 3ª ed. Francisco Beltrão: Grafit, 1998.

MAGALHÃES, Marisa Valle. **O Paraná e as migrações – 1940 a 1991.** Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado), UFMG/CEDEPLAR.

MAGALHÃES, M. Valle. Guzmán, J. J. Beltran. O Paraná e a versão do crescimento populacional: o papel da migração. In: **Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais.** Águas de São Pedro, 1984. v.4, p. 1989-2016. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84Vo4A07.pdf>> Acesso em 24/01/2006.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política – o processo global da produção capitalista.** Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Livro III, v. 3.

MARTINE, George. **A Redistribuição Espacial da População Brasileira Durante a Década de 80.** Texto para Discussão. Janeiro de 1994.

MONDARDO, Marcos L. **As Migrações e as Transformações Territoriais na Comunidade Barra do Rio Tuna – Francisco Beltrão – PR.** Francisco Beltrão, 2005. Monografia (Bacharelado em Geografia), Unioeste.

KLEINKE, Maria de L. U. DESCHAMPS, M. MOURA, R. Movimento migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. In: **Anais do 2º Encontro Nacional Sobre Migração - Perspectivas regionais da dinâmica migratória no Brasil.** Ouro Preto, 1999. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENS MIGRacao/OuroPreto1999p187a228.pdf>> Acesso em 26/01/06.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução, Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SOUZA, Itamar. *Migrações Internas no Brasil*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, Petrópolis, 1980.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *PARANÁ, SUDOESTE: ocupação e colonização*. 2ª ed. Curitiba: Editora Vicentina, 1987.

WACHOWICZ, Ruy Chistovam. *História do Paraná*. 6ª ed. Curitiba: Editora Vicentina, 1988.

Recebido: 19/04/2006

Aprovado: 25/07/2006